



VIVA MÉXICO

Alexandra  
Lucas Coelho

# VIVA MÉXICO



COORDENADOR DA COLEÇÃO  
CARLOS VAZ MARQUES

RIO DE JANEIRO:  
TINTA-DA-CHINA  
MMXIII

Edição apoiada pela Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas /  
Secretaria de Estado da Cultura — Portugal.



SECRETÁRIO DE ESTADO  
DA CULTURA



© Alexandra Lucas Coelho, 2013

1.ª edição: maio de 2013

Edição: Tinta-da-china Brasil

Capa e projeto gráfico: Tinta-da-china Brasil

C614v Coelho, Alexandra Lucas, 1967-  
Viva México / Alexandra Lucas Coelho;  
coordenação Carlos Vaz Marques.  
1.ed. – Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2013.  
374 p.; 20 cm. (Literatura de Viagens; 1)

ISBN 978-85-65500-06-7

1. Crónica portuguesa. I. Marques, Carlos Vaz.  
II. Título. III. Série

13-00105

CDD: 869.8

CDU: 821.134.3-8

Todos os direitos  
desta edição reservados à  
Tinta-da-china Brasil  
R. Júlio de Castilhos 55, Cobertura 01  
Copacabana RJ 22081-020  
Tel. 0055 21 8160 33 77 | 00351 21 726 90 28  
Fax 00351 21 726 90 30  
infobrasil@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt/brasil

## SUMÁRIO

9	PREFÁCIO
17	PARTE I: CENTRO
19	<i>Cidade do México</i>
147	PARTE II: NORTE
149	<i>Ciudad Juárez</i>
217	PARTE III: SUL
219	<i>Oaxaca</i>
263	<i>Juchitán</i>
279	<i>Ixtepec</i>
295	<i>Chiapas</i>
337	<i>Yucatán</i>
367	AGRADECIMENTOS
369	BIBLIOGRAFIA
371	SOBRE A AUTORA

## PREFÁCIO

O MÉXICO É VINTE VEZES maior do que Portugal. Só na Cidade do México, a mais extensa metrópole do mundo, cabe duas vezes toda a população portuguesa. Que alguém chegado de fora, apenas com uma mochila e a memória de certos textos, não se perca num lugar assim, é já uma façanha. Para além disso há a «violência» e o «frenesim» a que se refere Octavio Paz na oportuna epígrafe que abre este livro.

Esta é pois a história de um país violento e desmesurado. «O mexicano faz amor com a morte», dirá alguém a certa altura, logo no início da viagem. É esse o principal traço de carácter associado à identidade mexicana. Não é por acaso que há caveiras na capa de *Viva México*. Parecem rir-se de nós, daqueles de nós que não aprenderam ainda, como os mexicanos, a rir-se delas.

E contudo talvez tudo isto não passe de pura ficção. Não no sentido de a ficção ser o contrário da verdade. Ficção por ser uma memória inventada. Por corresponder ao modo como Jean Cocteau definia o surrealismo: como «mais verdadeiro do que o verdadeiro». Talvez comece aqui o carácter literário de um país que o papa do surrealismo, André Breton, descreveu como o mais surrealista do mundo. Surrealista = sur-réaliste = sobre-realista. O próprio Breton explicou o conceito de uma

forma clara, no manifesto do movimento que dirigiu com mão de ferro, associando-o a «uma ausência de qualquer tipo de controle exercido pela razão, à margem de qualquer preocupação estética ou moral».

Aquilo que em termos literários deu corpo a uma das mais intensas aventuras culturais do século xx, quando corporizado num país imenso como o México, revela-se um pesadelo, com toda a carga de assombro e horror e sortilégios que caracteriza os pesadelos mais vívidos. É essa vertigem que Alexandra Lucas Coelho capta e nos revela.

Sabemos pelas notícias de todos os dias como o México é hoje um Estado sequestrado pelo narcotráfico. Sabemos pelos livros de História como do encontro entre o ouro e a magia, no início do século xvi, saiu vencedor o ouro — Cortés aniquilou Moctzuma. Temos vagas imagens que acabam sempre por nos remeter para o mesmo território exótico e místico que já percorremos ao ler *A Serpente Emplumada*, de D.H. Lawrence. Não é por aí que Alexandra Lucas Coelho nos conduz.

*Viva México* leva-nos ao encontro de gente concreta, de carne e osso. Julián, de Ciudad Juárez, aquele que entre a macabra contabilidade quotidiana dos mortos à queima-roupa se emociona com as sonatas de Beethoven interpretadas por Claudio Arrau. Diego López Rivera, o neto do famoso muralista, às voltas com a herança traumática do avô. Agar e Leonardo, um casal refugiado na sua «utopia mínima, a dois», numa aldeia de montanha, algures no Sul. São rostos que recupero ao acaso, entre tantos outros.

E há a Casa Azul e Frida Kahlo e a sua fragilidade comovente que fez do México um país «mais forte, mais complexo, mais desarmante». São para ela e por causa dela as mais belas páginas desta viagem.

Rostos, vozes, entusiasmos e medos — uma vitalidade transbordante num país onde se morre com grande facilidade. É esse o extraordinário paradoxo mexicano que emerge deste livro. «Só estar no México é uma energia.» Até o milho tem histórias para contar.

Alexandra Lucas Coelho percorre o país de Zapata, um século depois da revolução, e indigna-se, aflige-se, comove-se, ri e chora e faz-nos participar de tudo isso. Nós vamos com ela e como ela, ao lado dela, não somos turistas, somos viajantes. Imunes ao pecado mortal da indiferença.

CARLOS VAZ MARQUES

*para a Kat, que entretanto foi ao México  
para o Filipe, que não me deixou esperar*

*Todos estão possuídos pela violência e pelo frenesim*

OCTAVIO PAZ



PARTE I  
*Centro*

## CIDADE DO MÉXICO

**N**ÃO SEI NADA do México e tenho uma mochila. Este Octavio Paz ou aquele Juan Rulfo? Os dois. Poetas mexicanos contemporâneos ou Roberto Bolaño? Poetas mexicanos contemporâneos.

Uma poeta do mesmo ano que eu: *Amanhã é nunca.*

O assistente de bordo encosta o microfone à boca e, do alto desta manhã por cima da Europa, anuncia, no seu francês de pombo a arrulhar, que à direita temos o Palácio de Versalhes.

Quem vai de Lisboa ao México tem de andar para trás antes de andar para a frente. Então, não vejo o Palácio de Versalhes porque vou sentada do lado errado, mas cá está o Velho Mundo com as suas pastagens e as suas vacas Camembert, imóvel, eterno.

Depois, tiro os olhos da janela e vejo a notícia da morte do escritor mexicano Carlos Monsiváis.

Raramente há algo sobre o México nos jornais portugueses além de relatos das agências sobre narcotráfico, e suspeito que nenhum outro passageiro aqui vai para o México. Leio a notícia como se fosse para mim. Diz que Monsiváis era um dos principais escritores mexicanos, que apoiou a revolução

zapatista, e que o subcomandante Marcos terá mesmo declarado que leu mais Monsiváis que Marx.

Vai ser preciso chegar ao México para ver como este ano de 2010, Bicentenário da Independência e Centenário da Revolução, será também o ano da morte de Carlos Monsiváis.

O avião que depois levanta de Paris é um tubarão de dois andares. Nunca vi nada assim, uma fila de janelas em cima, outra em baixo. Quem paga por mais espaço vai em cima. Ao todo, isto quer dizer 400 pessoas a bordo. Um avião com 400 pessoas *não* vai cair, penso eu, enquanto os passageiros vão desaparecendo pelo teto. É estranho ver gente a subir escadas dentro de um avião.

Onze horas depois, quando já vamos todos a descer, a minha janela mostra cumes de montanhas que parecem percebes deitados uns ao lado dos outros. A seguir há um deserto com sulcos e entramos numa nuvem de fumo, opaca, cega. Até que de repente, como se nos tivessem devolvido a visão, a cidade aparece lá em baixo, sombria, interminável.

Ninguém poderá alguma vez dizer que viu a Cidade do México. Quando a começamos ver, calamo-nos, e depois nunca mais acabamos de a ver. O tubarão paira como um avião de papel.

Às seis da tarde parece inverno. Mas não é inverno, é a estação das chuvas. O verão começou ontem. O chão brilha.

Os aztecas celebravam a chuva como um deus. Também receberam Cortés como um deus, abrindo os braços ao apocalipse, e por cima do apocalipse o império espanhol ergueu esta cidade. Cinco séculos depois é a mais extensa do mundo. Engoliu o estado em que está, Distrito Federal. Os mexicanos nem a tratam como cidade. Chamam-lhe D.F. ou simplesmente México.

Tanta gente junta mete medo. Os guias de viagem têm mesmo parágrafos do género: se quer escapar a uma noite na Cidade do México, pode ir diretamente de Cuernavaca para o aeroporto.

Os guias, ou antes, o guia francês que comprei no aeroporto Charles de Gaulle porque nas vésperas da partida morreu José Saramago, o que ocupou as redações portuguesas e reduziu os preparativos mexicanos.

Espero que Saramago e Monsiváis, desaparecidos com um dia de intervalo, estejam neste momento a beber um mezcal no paraíso de quem não acredita no paraíso e certamente nunca precisará de um guia Routard.

O tubarão escoia 400 alquebrados passageiros. Os italianos à minha volta vão apanhar ligações para Cancún. Furtam-se assim a um controle que nunca vi nas chegadas: fila de uma hora para o passaporte e depois raio-x de bagagens, com cada pessoa a ter de carregar num botão tipo semáforo da droga. Vermelho, para. Verde, passa. Também há cães. Mas, mesmo com a espera, não há caos.

Na saída, três barraquinhas de «táxis autorizados» competem pelo preço fixo: o equivalente a dez euros até ao centro. Toda a gente só apanha «táxis autorizados». E os residentes mais cautelosos não aconselham a trocar pesos no aeroporto desde que um francês foi seguido e assassinado depois do câmbio. Vinha dar aulas à universidade.

A Cidade do México é isto: a partir de agora somos bichos em alerta.

Mas como acaba de chover, o ar parece limpo e até se vê o céu. Então, à medida que o táxi avança entre velhos carochas, começa a tomar-me a estranha sensação de que serei convertida

por esta cidade. Na nebulosa que é um lugar à distância imaginei-a caótica e cruel. Em que parte dessa nebulosa entram alamedas sem fim? Passeios cheios de cafés? Tantas árvores tropicais? Igrejas barrocas? Bicicletas?

Bem-vindos à Condessa. Quem leu *Os Detectives Selvagens* de Roberto Bolaño talvez se lembre que é neste bairro que as manas Maria e Angélica têm a sua casa com quintal e o poeta García Madero perde a virgindade. Não se aflija quem não leu, porque estou só a contar o princípio. Seja como for, tudo isso se passou na Condessa dos anos 70. Agora, as livrarias servem *brunches* e na esquina come-se *sushi*, mas ainda há gente com cães e carrinhos de bebé. Um bairro onde se vive.

O meu albergue fica frente a um antigo cinema transformado em livraria, o que é bom porque os albergues nunca são como nas fotografias, e este não é exceção. O quarto tem uma janela para um saguão e uma cama de espuma. Depois reparo que na parede há uma pequena Frida Kahlo. Fica de amuleto.

Não sei nada do México *aborita*, como insuperavelmente dizem os mexicanos, mas tenho alguns amuletos.

Era uma vez uma *piñata*. As crianças batiam-lhe com paus até caírem caveiras de açúcar. Foi o meu primeiro México, numa história de aventuras. Muitos anos depois vi mexicanos. Foi nos Estados Unidos. Havia o cinema, claro, sempre a caminho do Rio Bravo, e Buñuel sempre a atormentar a Europa. Houve a música de Chavela Vargas, arranca-corações. O *México Insurrecto* e o *Debaixo do Vulcão* em traduções exasperantes. A *Planície em Chamas* de Juan Rulfo e *A Chama Dupla* de Octavio Paz. Os poemas índios

de Herberto. Artaud entre os tarahumara. Imagens vagas de Breton, Trotski e Tina Modotti. O México de J.M.G. Le Clézio. Frida Kahlo por Frida Kahlo: «Enorme coluna vertebral que é base para toda a estrutura humana. Já veremos, já aprenderemos. Sempre há coisas novas. Sempre ligadas às antigas vivas.»\*

O teatro é memória, e portanto matéria viva. Há anos e anos, em Lisboa, Paula Sá Nogueira foi uma estupenda Frida em *Aguantar*, encenação de Nuno Carinhas com a Cão Solteiro.

Aqui estou, Frida, sentada em frente ao teu retrato. As coisas novas ligadas às antigas vivas, vamos a isso.

Quem mais?

Carlos de Oliveira, *ó / alcolmalcolm* [lowry], e Manuel Gusmão também debaixo do vulcão (*por onde a terra firme-movediça e o fogo correm ao encontro um do outro*).

José Agostinho Baptista, que nunca aqui esteve porque está sempre a escrever o seu próprio México, e uma vez me fez chegar a tradução que fizera de um poeta mexicano, Oliverio Macías Álvarez. Eu achei que Oliverio era o próprio José Agostinho disfarçado de poeta mexicano. Até que numa mesa do Bairro Alto, em Lisboa, me vi a beber com Oliverio. Ele descrevia índios, vagabundos, gente com milhares de anos. Eu ouvia como se tudo aquilo não fosse real.

A realidade à distância ainda não existe.

E o meu colega mais mexicano, Pedro Caldeira Rodrigues, que me falou de um lugar. Como era o nome, Pedro?

\* *El Diario de Frida Kahlo*, La Vaca Independiente, Cidade do México, 2001.



Acordo às 4h na Cidade do México porque na Europa são 10h.

Ainda bem que estamos aqui as duas, Frida. Nunca mais é dia.

Às oito atravesso o patamar e sento-me na recepção, que também é sala de estar, de Internet e de pequeno-almoço. Há uma mesa corrida com chávenas, iogurtes e a cabeça loura do russo Vladimir, médico em Los Angeles, que veio de autocarro desde Tijuana. Vinte e duas horas por desertos e serras. «É mais barato que o avião», diz ele. Ainda parece atordoado.

A estação das chuvas na Cidade do México tem uma rotina: só chove ao fim da tarde. Foi o que me explicaram. E o céu está de acordo.

Antes de me meter no metro quero espreitar o tal ex-cinema aqui em frente que agora é a livraria Rosario Castellanos. Ainda não são nove, mas já há uma concentração à porta. *Que onda*, diria um leitor mexicano. Este bairro madruga para ver livros? Nem tanto, nem tanto. São crianças que vêm fazer um teatro, porque além de livraria isto é o centro cultural Bella Época. «E tu quem és?», pergunta um tico de gente com orelhas de coelho e bigodes, encostado aos meus joelhos.

A fachada é mesmo de antigo cinema. E lá dentro o espaço revela-se tão grande que, quando as portas enfim abrem, coelho e capangas desaparecem logo escadas acima. A livraria ocupa o que provavelmente seria a plateia, e está cheia de estantes brancas à altura do ombro. Se levantarmos os olhos dos livros, temos uma amplitude de 360 graus. Há sofás para ler, e um café onde dezenas de pessoas se podem sentar.

Mas o destaque de hoje vai para dois expositores à entrada. Um tem edições de Carlos Monsiváis, o outro tem edições de José Saramago.

Estão como irmãos.

A minha estação de metro chama-se Patriotismo. Também há estações chamadas Niños Heroes ou Constitución de 1917, além, claro, das que têm o nome de algum figurão desde os aztecas (Cuauhtémoc, Guerrero, Hidalgo, Juárez, Piño Suárez...). Os nomes mexicanos de ruas, cidades ou estações são, em si, patrióticos. E depois as estações como esta têm bancas de fritos e índios de chinelos.

Então desço as escadas, como se descesse ao submundo dos aztecas de agora, os incontáveis milhões que percorrem todos os dias as entranhas da cidade e, quando a corrente espessa e quente me apanha, deixo-me ir, sem pé. Um místico chamaria a isto o êxtase da dissolução. A humanidade a convergir por baixo da terra, pele com pele.

Aqui faz calor e a religião não tapa. Os mexicanos têm muito corpo, sempre a sobrar.

E há ventoinhas que nos borrifam com água. Os letreiros são dos anos 70, descomunais. As bichas para os bilhetes desfazem-se num ápice. Cada viagem custa 18 cêntimos, e é porque aumentou este ano. O cais reluz de limpo, parece interminável e em menos de dois minutos fica repleto.

Nunca me senti tão alta entre tantas cabeças escuras, índios ou misturados de índios: os pobres. Só tenho uma palavra, e repito-a atónita, porque não me lembro de ter sido levada assim de enxurrada por um país. Comovente. O México é comovente. Se alguém falar comigo agora desato a chorar.

Uma chapada de ar quente e o metro dispara pelo cais. É mais estreito e muito mais comprido que o de Lisboa e está pintado de cor-de-laranja. Mas por dentro tem uma cor gasta, mortíça.

E entra um índio com uma camisa da Pepsi a anunciar 200 temas de MP3 avulsos, incluindo o tema *Revolución* e o tema *Zapata*. E um segundo índio a apregoar rebuçados. E um terceiro com chicletes. Andam para trás e para diante, numa lengalenga à desgarrada, porque não há nenhum lugar tão povoadado como o metro.

E, como tanta gente, eu mudo na estação de Chabacano, atravesso viadutos, corredores, átrios de música e fritos, e apinho a linha azul para a praça onde há 500 anos reinavam os aztecas.

Leonardo López Luján está sentado em cima dos aztecas. A manhã pôs-se ardente, mas Leonardo já se habituou. É arqueólogo, dirige a maior escavação da Cidade do México: o Templo Maior. Passa o dia em cima dos aztecas, sentado, de pé e a escavar, muitas vezes ao sol como agora. E a poluição da cidade sobe e desce, mas não desaparece. Vinte e quantos milhões? Ninguém sabe ao certo e a terra não é firme.

No tempo dos aztecas, tudo isto estava coberto pelas águas e eles viviam numa ilha, México-Tenochtitlán. Era a capital do império que os espanhóis derrubaram, a 13 de agosto de 1521.

Então, conta Leonardo, o conquistador Cortés meditou. «Onde fazer a nova capital colonial? Esta ilha não era o lugar mais adequado, no meio de um lago salgado, com problemas de inundações. E Cortés não toma uma decisão prática, económica, de engenharia, e sim uma decisão política. A capital

da colónia tinha de estar por cima, dominando as ruínas da capital indígena, o que tem muitíssimas consequências até hoje. Temos aluimentos e inundações, é um lugar muito instável para a construção. Estamos numa bacia onde não sopra o vento e por isso há uma poluição tremenda. Não era o melhor lugar para uma megápolis como a Cidade do México.»

Mas o mundo tinha de recomeçar no mesmo sítio. Se aqui estava o Templo Maior azteca, ou seja, o centro cerimonial e político do velho império, aqui iria estar o centro cerimonial e político do novo império.

O México passou então a ser «a joia da coroa de Espanha». O luxo em que vivia «não tinha comparação» com Lima, Bogotá, Cidade da Guatemala, Buenos Aires ou Havana. Aqui estavam os vice-reis da Nova Espanha. «Aqui estava todo o poder e isso observa-se nesta praça.»

Quando o México se tornou independente de Espanha, os novos poderes afirmaram-se também por cima dos símbolos coloniais. É por isso que agora, sentados sobre as ruínas do Templo Maior, temos à nossa volta a Catedral Metropolitana, o palácio do presidente que governa o país e o palácio de governo do D.F.

Esta praça monumental, o Zócalo, continua a concentrar o poder. Não é apenas o centro da Cidade do México, é o centro do México.

E eles vêm do Norte e do Sul: índios com camisas bordadas, engraxadores com cadeiras rolantes, eletricitas, canalizadores e assentadores de azulejos, tocadores de realejo e escrevedores de cartas, ardinas e vendedores de pipocas.

E (num país onde há sindicatos de direita e os sindicalistas podem ser a reação) contestatários de todo o México, desde

o estado de Guanajuato aos eletricitistas do Sindicato Luz e Força.

Estamos a 84 dias, 11 horas, 53 minutos e 29 segundos de celebrar os 200 anos da Independência do México, anunciam os contadores digitais. No ecrã gigante levantado em frente à catedral joga o Gana com a Alemanha e o relato enche todo o Zócalo. É o FifaFest, um presente do governo durante o Mundial 2010, com grades e tufos de polícia a toda a volta. Centenas de adeptos de pé, sentados e mesmo deitados, tentam cobrir a cabeça com um pedaço de papel ou a própria *t-shirt*. E do lado de fora das grades as tendas contestatárias apupam o presidente Calderón. Os sindicalistas do Luz e Força estão nada menos que em greve de fome.

Aproximo-me dos cartazes: «Não pagues luz!», «Eletricitistas em pé de luta até à vitória!», «O próximo desempregado pode ser tu!». Um homem aproxima-se e entrega-me um jornal: «Companheira, apoia-nos!»

Em fundo, marteladas de obras, e por cima o apelo lancinante do relator do Gana-Alemanha: «Por favor, marquem!!!»

Entro na tenda central do Sindicato Luz e Força.

«As pessoas a oferecerem a sua vida pelo direito ao trabalho e, passando esta barreira, os ecrãs do Mundial», indigna-se o porta-voz, Hernando Oliva Quiroz. «São as duas visões do México. Temos pobreza, repressão, militarização e continuamos a transmitir jogos. Muita gente vem aqui ver o futebol e o governo utiliza isso como válvula de escape. Veja como está o nosso país, com mais de 20 mil mortos na guerra do narcotráfico!»

Oficialmente 28 mil no momento em que escrevo, mas concentremo-nos nas razões da greve: «O governo assaltou as nossas instalações e da noite para a manhã 44 mil trabalhadores foram despedidos.»

É uma luta que se arrasta há meses, e pela cidade hei-de ouvir gente que acha que o governo fez bem porque a empresa estava obsoleta, e gente que acha que os grevistas fazem bem porque o governo está obsoleto.

Entretanto, a situação no Zócalo é objetivamente esta: os turistas descem às ruínas aztecas, a Alemanha marca ao Gana e Maria Isabel Delarosa López não come há 52 dias. «Estou um pouco esgotada, sem forças», diz, levando à boca um copinho. «Isto é água com mel. É tudo o que tomo. E soro.» Está de fato-de-treino, pálida, mas com as unhas vistosamente manicuradas, como as mexicanas usam muito.

No México, uma imagem são pelo menos duas, sobrepostas.

«Tenho muita tristeza e indignação por todas as coisas que o governo está a fazer a milhões de mexicanos. Agora tocou-me a mim. Não quero que toque a mais gente. Quero ter uma família como o meu papá e a minha mamã me deram. Estou aqui por ser jovem e já me estarem a fechar portas.» Vinte e seis anos, nascida perto de Texcoco.

É o nome azteca do lago que aqui havia.

O passado não tem preço, o presente está em saldo.

«Isso é o México, essa mistura», diz Leonardo López Luján sobre a greve de fome ao som do Mundial. «E no Zócalo, que é o lugar simbólico, temos estes letreiros da Coca-Cola.»

Eis-nos de volta ao estaleiro do Templo Maior, num dos cantos da praça, onde todos os dias os arqueólogos continuam a trabalhar os segredos da grande pirâmide azteca. Redes, tubos, pontes e contentores, esta mesa improvisada debaixo de um toldo em que nos sentamos para olhar a história do futuro,

apesar de o anfitrião estar com a cabeça ao sol, e nem ter cabelo, quanto mais chapéu.

O projeto do Templo Maior vai na sétima temporada de escavações. «Quando eu era criança, tudo isto estava cheio de edifícios e só havia uma pequena escavação aqui na esquina», recorda Leonardo. Porque a descida ao mundo azteca apenas começou há 32 anos.

«A primeira reflexão que é preciso fazer é sobre o conteúdo não apenas científico mas também político da arqueologia. Em todos os países do mundo, a arqueologia sempre esteve vinculada ao discurso político, e entre outras coisas à ideia do nacionalismo. No México isso é muito claro. E não só no México. Vamos ao Egito e temos as grandes escavações de Nasser. Ou, nos Estados Unidos, as escavações que se fizeram no tempo de Jefferson. Ou, em Itália, Mussolini e Ostia Antica. Ou, na Alemanha, Hitler. Eu sou um cientista, e o que me interessa é a ciência da arqueologia, mas há sempre esta dimensão política.» Preâmbulo para chegar a isto: «Quando se fundou o projeto do Templo Maior, em 1978, era um momento político fundamental. O presidente chamava-se José López Portillo e acreditava ser sucessor de Quetzalcóatl. Aliás, o avião presidencial chamava-se *Quetzalcóatl* e Portillo escreveu um livro chamado *Quetzalcóatl*.»

O deus-serpente emplumada dos aztecas.

Talvez seja tempo de introduzir um aviso. O termo azteca foi vulgarizado por arqueólogos europeus do século XIX, e continua a ser usado na divulgação para grande público, mas Leonardo López Luján prefere dizer mexica, o nome que os arqueólogos consideram mais correto. Era o usado há 500 anos para os habitantes de Tenochtitlán, e é dele que vem a palavra México.

Voltando então ao presidente Portillo, que México era esse, há 30 e tantos anos, quando se começou a escavar aqui por baixo? «Foi o momento em que apareceu o petróleo e havia um auge económico, um florescimento em todos os sentidos.» Eis senão quando, por completo acaso, se dá o descobrimento, aqui nesta zona, de um monumental disco de pedra representando a decapitação e desmembramento da deusa azteca da Lua, Coyolxauhqui, às mãos do seu irmão Huitzilopochtli.

«A descoberta da Coyolxauhqui fez com que se tomasse uma decisão muito polémica e debatida: demolir 13 edifícios desta área, o centro histórico da Cidade do México, para recuperar a pirâmide conhecida como Templo Maior, a principal da capital mexicana.»

A maior parte dos edifícios demolidos era do século XIX-XX, mas dois datavam do século XVIII. «Por isso foi uma decisão muito debatida: até que ponto vale a pena destruir parte do nosso património, que é a herança europeia, para recuperar outra parte, igualmente importante, que é a herança pré-hispânica? Existe sempre o paradoxo destes dois patrimónios, para nós, que somos maioritariamente um país mestiço. Há uma população mexicana [de origem] europeia importante, e uma população indígena muito importante, mas a percentagem maior é de mestiços. Então temos as duas heranças. E aqui, por fim, optou-se por recuperar a pirâmide.»

Ou seja, a herança indígena.

«Foi uma decisão política. López Portillo disse que junto à praça do crucificado, obviamente uma alusão ao Zócalo, a praça cristã, queria fazer a praça da decapitada, obviamente uma alusão à deusa Coyolxauhqui. Quis pôr os dois polos do México um ao lado do outro. Mas a nível científico foi algo fundamental, porque criou uma nova época dos estudos mexicas.»



As temporadas arqueológicas sucederam-se, embora lentamente. Demora muito mais escavar aqui do que no campo porque este centro histórico «é o mais rico do continente» e não se pode propriamente demolir tudo. Mas o que foi descoberto nestes anos «revolucionou» o que se sabia. Basta pensar que «Tenochtitlán só era conhecida através dos documentos históricos do século XVI, nunca tinha havido uma escavação em grande escala».

Agora a pirâmide está à vista, connosco em cima.

Se formos por onde os turistas vão, ao longo de um passadiço de ferro que percorre o exterior do Templo Maior, vamos ver claramente como a pirâmide é uma boneca russa de pirâmides, umas metidas dentro das outras, e como passados 500 anos restam nas paredes serpentes, rãs e jaguares de pedra. O templo media 45 metros de altura, e claro que os espanhóis se esforçaram por suplantar isto: a catedral mede 60.

Depois de cirandar à volta, entramos no museu construído ao lado para guardar os despojos encontrados. A descoberta mais recente é a pedra da deusa Tlaltecuhli, que está mesmo reduzida a cor de pedra, mas através de uma complexa reconstituição é iluminada com as muitas cores minerais de origem: ocre de goetita, vermelho de hematite, azul de paligorsquite e anil, negro de carvão vegetal e branco de calcite. Quanto à escultura da deusa propriamente dita, jorra-lhe sangue da boca e tem um homem no estômago.

Ao todo, são centenas de peças, ou seja, só o conteúdo do Templo Maior deu um museu. Mas do ponto de vista dos arqueólogos, falta escavar tudo à volta, palácio real, mercados, casas.

A maior parte da capital azteca continua enterrada debaixo do Zócalo.

«Temos uma visão só da área cerimonial», resume Leonardo, no seu estaleiro. «É como pensar que um arqueólogo do ano 4000 chegava aqui e só escavava a catedral. Teria uma visão muito parcial do que é a Cidade do México em 2010.»

E que vê o arqueólogo de 2010 sobre a cidade de há 500 anos?

Primeiro, que havia mesmo sacrifício de homens, mulheres e crianças. Uma «violência ritual terrível, como se documentou também entre os maias, ou os tarascos, não exclusiva dos mexicas», e que se comprova através de «corpos de vítimas, das facas com que foram mortas, de pedras e representações de sacrifício e mesmo de restos de fluidos como sangue».

Em suma: «Podemos corroborar que eram sacrificadores, algo que os grupos neo-indígenas atuais negam. Há muitos grupos indígenas, ou mesmo mestiços como eu, que dizem: “Nós somos indígenas e toda a questão do sacrifício é uma mentira dos espanhóis para justificar a conquista militar e espiritual.” E nós, com dados científicos, podemos afirmar que sim, existiu sacrifício.»

Ao mesmo tempo, quando se faz o cálculo das vítimas, nota Leonardo, «não é o número que mencionavam os espanhóis, exageradíssimo». Há vestígios de «centenas de cadáveres, mas nunca dezenas de milhares».

Portanto, se a arqueologia contraria os grupos neo-indígenas, também contraria «os grupos hispanistas atuais, que dizem que a única atividade era o sacrifício».

Estamos a falar do passado? Sim e não. Estas lutas ainda sacodem a identidade do México, e são um exemplo de como aqui coexistem vários tempos: o passado está a ser vivido ao mesmo tempo que o presente e o futuro.

Quem eram as vítimas dos sacrifícios? «Há cativos de guerra, portanto estrangeiros que foram trazidos para aqui, e aí é toda uma política de justificação religiosa da expansão militar. Por outro lado, há vítimas que são crianças, anciãos, mulheres, da população local. Inclusive, nas fontes há menção de pais que entregam voluntariamente os filhos, ou mulheres para quem é uma honra entregarem-se elas mesmas ao sacrifício. Ou seja, há todo o tipo de vítimas. E há todo o tipo de sacrifícios. Não só por extração de coração, também por degolação, por afogamento, pelo fogo, pelas flechas, etc. O que aprendemos nas escavações é que se trata de um fenômeno muito complexo, e que hoje em dia está politizado pelos diferentes grupos sociais.»

A extração do coração era a forma principal de sacrifício?

«Sim. Os mexicas pensavam que tinham três almas. Uma na cabeça, que estava associada ao céu; a do coração, que estava associada ao sol, parte central do universo; e uma no fígado, que estava associada ao inframundo. Então, três almas relacionadas com o superior, o médio e o inferior. E se havia que dar oferendas ao sol, que era o principal propósito dos sacrifícios, obviamente a alma adequada era a do coração.»

A vítima, bem viva, era agarrada de peito para cima enquanto uma faca rasgava carne e ossos. Depois o sacrificador erguia o coração, ainda a pulsar.

Mas a arqueologia também revela o poder azteca de forma menos sangrenta. Até agora foram encontradas 153 caixas de oferendas na pirâmide do Templo Maior, e através delas é possível ter uma ideia da variedade de produtos que chegavam à capital. «Vinhavam desde o que é hoje o Arizona e o Novo México até à Nicarágua. Isso diz-nos das redes que o império tinha, além das suas fronteiras.»

Por vezes as escavações confirmam os documentos históricos e por vezes negam-nos. «Enriquecem muitíssimo a nossa visão. E, ao mesmo tempo, este projeto atraiu um enorme interesse da comunidade local pelo seu próprio passado. Reativou o orgulho próprio. Porquê? Porque Tenochtitlán era a Manhattan do século XVI, uma cidade fundamental. E a gente vem e vê estas grandes esculturas. Os mexicas eram dos escultores mais importantes da antiguidade, tão importantes como os egípcios ou os assírios. São grandes escultores. Então, a gente vem aqui ao Templo Maior, ou vai ao Museu de Antropologia, e orgulha-se, o que reforça, obviamente, a identidade nacional.»

Enquanto Leonardo fala, os sinos da catedral começam a soar, primeiro graves e espaçados, e depois quase contínuos, como se tivessem decidido pôr fim a toda esta conversa pagã. Mas o arqueólogo está tão imune aos sinos como ao calor. Lança-se, aliás, a falar da Pedra do Sol, a mais célebre peça azteca, descoberta em 1926, junto à catedral. O original encontra-se no Museu de Antropologia, mas reproduz-se género Torre Eiffel.

«Esteve na camisa da seleção nacional de futebol. Em todo o lado a vemos. É um símbolo de identidade. E obviamente estes símbolos também têm uma dimensão política. Quando apareceu a deusa da Lua, o presidente López Portillo, o tal que julgava ser Quetzalcoátl, trazia todas as visitas de Estado às escavações, para mostrar a grandeza do passado mexicano. Então, aqui veio Jimmy Carter ou Kissinger. Aqui esteve Mitterrand e depois Giscard d'Estaing. Era um elemento de legitimação. E isso está a passar-se outra vez [com as últimas descobertas]. Vieram grandes políticos. O presidente, ou a esposa, mostram-lhes isto como reivindicação de um passado glorioso.»

E o atual culto mexicano da morte, com caveiras de brincar por toda a parte? Vem do mundo pré-hispânico?

«Não, é uma construção recente», diz Leonardo. «Qual é a ideia de que todos os mexicanos gostam e que é vendida aos estrangeiros? A de que o mexicano troça da morte; o mexicano vive com as caveiras; o mexicano faz amor com a morte. E esse discurso também serviu para criar uma identidade nacional. Em finais do século XIX, começo do século XX, vemos na iconografia estas caveiras que são muito divertidas, e que formam todo um caráter. E já no México pós-revolucionário, artistas como Fernández Ledesma e Diego Rivera trataram de generalizar esta ideia de que o mexicano não tem medo da morte. Então começaram a ver-se as caveiras na escola. E agora, em novembro, as crianças têm de desenhar caveiras, fazer poemas divertidos à morte, nas padarias há caveiras por todo o lado. É uma visão muito agradável da morte, digamos.»

Mas de onde vem isso?

«O interessante é que, quando um historiador trata de encontrar as raízes dessa conduta, não as encontra no passado. Porque? Porque na Europa das nossas origens europeias tem-se medo da morte. E quando estudamos a visão dos maias e dos mexicas, eles também tinham um profundo respeito à morte. Não é igual ao temor da herança europeia, mas nada de brincadeiras. Por exemplo, *chibalba* é o lugar dos mortos, para os maias. E vem de *chib*, que em maia quer dizer temor. Então temos as duas heranças em que se respeita a morte, e esta construção revolucionária e pós-revolucionária, na primeira metade do século XX, em que se cria uma nova estética da morte, a morte engraçada, que convive connosco. Sobre tudo na arte e na educação oficial, em que se exalta a morte. Isso foi muito bem estudado por Octavio Paz, a nova visão do que é

o mexicano, a definição de uma identidade. É uma identidade em boa medida fictícia. Bom, todos os povos criam a sua identidade de maneira fictícia...»

Leonardo lembra um livro de Paz que justamente tenho comigo porque faz parte da edição alargada de *El Laberinto de la Soledad* que em Lisboa meti na mochila.

Chama-se *Postdata* e foi escrito depois de um acontecimento dramático, a matança de estudantes, aqui, na Cidade do México, levada a cabo em 1968 pelo regime do PRI, o Partido Revolucionário Institucional, que dominou o século XX mexicano. Octavio Paz era então embaixador na Índia e depois da matança renunciou ao cargo, cortando com o regime. *Postdata* é o pequeno livro negro desse corte, e nele Paz explica como «a relação entre aztecas e espanhóis não é unicamente uma relação de oposição: o poder espanhol substitui o poder azteca e assim continua-o». E, da mesma forma, «o México independente, explícita e implicitamente, prolonga a tradição azteca-castelhana, centralista e autoritária». Por isso, diz Paz, a forma como a história é mostrada no grande Museu de Antropologia é a forma como o México moderno escolheu afirmar a sua identidade: «O regime [do PRI] vê-se, transfigurado, no mundo azteca. Ao contemplar-se, afirma-se.»

Leonardo concretiza: «Nos pisos de baixo do Museu de Antropologia está o passado arqueológico glorioso, que todos os turistas querem ver e que todos os mexicanos querem mostrar. E nos pisos de cima, que ninguém visita, relegados, esquecidos, estão os indígenas atuais do México moderno.» Mas o passado glorioso dos pisos de baixo não é um qualquer, é o

desse México centralista em que o PRI se vê ao espelho, o do império azteca, governado a partir da Cidade do México.

«Como os maias são uma civilização que partilhamos com a Guatemala, com as Honduras, com El Salvador e parte da Nicarágua, não é exclusiva do México. É um passado glorioso, mas não só do México. Qual é o passado exclusivo do México? O dos mexicas.» Claro que os zapotecas e mixtecas de Oaxaca também são só mexicanos, mas não têm a mesma dimensão política. «E por isso, no Museu de Antropologia, as outras civilizações [não exclusivas do México] são secundárias, e qual é a civilização central, a que tem dois andares, a que é como uma catedral? A mexica. O grande altar é a Pedra do Sol. Estamos a glorificar esse passado centralista. É essa a ideia de Paz.»

E, em meados do século xx, diz Leonardo, outros autores mexicanos escreveram sobre isto. «Como o México construiu uma identidade fictícia, na qual se diz que um indígena tsotsil de Chiapas [extremo sul do México, zona das selvas maias] tem o mesmo passado que o tarahumara de Chihuahua [extremo norte do México, zona de serras e desertos], e que esse passado é o dos aztecas, o que é totalmente falso. Obviamente que os tsotsiles de Chiapas têm mais em comum com os maias da Guatemala do que com o centro do México. E os tarahumaras de Chihuahua têm mais em comum com os índios dos Estados Unidos do que com o centro do México.»

Centralismo: o nome oficial do México, copiado do seu grande vizinho do Norte, é Estados Unidos do México, o que indicaria que «cada estado é independente nas suas decisões, mas na realidade não é assim», diz Leonardo. «Tudo se decide a partir da capital.»

Esta bacia sísmica onde há 500 anos o imperador azteca abriu os braços ao conquistador espanhol.

O mundo mudou a 8 de novembro de 1519. Muito do que somos hoje é o resultado desse dia. O ouro venceu a magia, Deus venceu os deuses, os homens venceram a natureza. Foi o encontro de Cortés, o conquistador, com Moctezuma, o azteca.

Aconteceu às portas de Tenochtitlán, a capital cercada por água e campos, com dois vulcões cobertos de neve ao fundo: eis a paisagem que Hernan Cortés e os seus homens avistaram.

Moctezuma já ouvira relatos sobre as «torres ou pequenas montanhas que flutuavam nas ondas do mar»\*. Os navios espanhóis tinham feito expedições em terra maia, nos dois anos anteriores. E a 21 de abril de 1519, quando Cortés chega a Veracruz, encontra emissários de Moctezuma à sua espera, com ouro e joias. Decide então avançar por terra, acompanhado de 300 homens, até à capital desse rei tão rico.

Tenochtitlán aparece-lhes a 8 de novembro como uma cidade de fábula, cheia de palácios, jardins e templos no alto de grandes escadarias. Atordoados, sem palavras para tamanho esplendor, os espanhóis veem Moctezuma chegar, precedido pelos seus nobres e carregado numa liteira.

Não sabem que nenhum mortal deve olhar o rei e por isso olham-no bem. É um homem magro, de estatura média, pele escura, barba longa e fina, face longa mas alegre, revelando ternura e gravidade, descreveu o cronista Bernal Díaz del Castillo. Terá um toucado de plumas verdes, manto bordado e sandálias decoradas a ouro.

Cortés desmonta e prepara-se para o abraçar, mas a tanto não chega. Se nenhum homem deve ver a cara do rei, muito menos tocá-lo. A comitiva de Moctezuma trava-lhe o braço.

\* *Moctezuma — Aztec Ruler*, edição Colin McEwan e Leonardo López Luján, The British Museum Press, Londres, 2009.

## Agradecimentos

Estive no México em reportagem para o diário português *Público*, de 22 de junho a 15 de julho de 2010, e grande parte do que publiquei foi incluído neste livro, por vezes em versões aumentadas ou fragmentadas.

Em Lisboa, quero agradecer a Marcelo Teixeira por vários contactos e sugestões. Também a Pedro Caldeira Rodrigues por conversas antigas. E a Gonçalo M. Tavares por Oaxaca.

A Charles Bowden, repórter e poeta algures no Arizona, devo não só tudo o que escreveu sobre Ciudad Juárez como a mais imediata ajuda ao telefone e por *e-mails*. Escrevi-lhe como leitora e ele respondeu-me no mesmo dia. Foi através dele que cheguei a Molly Molloy, a pessoa que neste momento terá o mais completo e livre arquivo sobre a violência em Juárez; a Julián Cardona, com quem passei parte do tempo na cidade; a Peter e Betty, que tive a sorte de poder conhecer. Juárez, por causa destas pessoas e de tudo o que vi, é não apenas o núcleo central deste livro como mudou a forma como olho o mundo.

Na Cidade do México, Lizeth e Carlos, do coletivo Mondaphoto (obrigada Pedro Letria e Valter Vinagre), estiveram

sempre disponíveis, e o fotógrafo Pablo Ortiz Monasterio estendeu a sua ajuda a Juárez e Mérida.

Não teria feito nada em Juchitán sem os amigos de Cristian Pineda Flores, que também me ajudou quanto a Ixtepec.

De San Cristóbal de las Casas, Alejandro Reyes enviou-me contactos preciosos para as etapas no México e depois foi um gentilíssimo anfitrião.

Em Mérida, Efrén Maldonado abriu-me o seu grupo de amigos, o que fez toda a diferença.

Estou grata a todas as pessoas que aparecem referidas de passagem ou longamente, pelo tempo, pela lucidez e pela graça. Elas são a viagem.

A resposta de vários leitores às reportagens e o entusiasmo dos editores Carlos Vaz Marques e Bárbara Bulhosa, na tinta-da-china, foram grandes incentivos para o livro.

Finalmente, obrigada à Lucinda, pela alegria; à Susana, pela casa; à Sónia, à Teotónia e ao Carlos, pela ilha; e ao Changuito, por tudo.

## SOBRE A AUTORA

ALEXANDRA LUCAS COELHO nasceu em dezembro de 1967, em Lisboa. Estudou teatro e comunicação. Trabalhou no rádio e, a partir de 1998, no jornal português *Público*, onde editou suplementos literários, coeditou a seção de cultura e integrou a equipe Grandes Repórteres. Como correspondente internacional, cobriu o Oriente Médio e a Ásia Central (2001 e 2009), trabalhou em Jerusalém e atualmente está no Rio de Janeiro. Já recebeu diversos prêmios de jornalismo. O seu primeiro livro é *Oriente Próximo* (Relógio D'Água, 2007). Seguiram-se, na Tinta-da-china, *Caderno afegão* (2009), *Tabrir* (2012) e o romance *E a noite roda* (2012), os três publicados no Brasil.



*Viva México*  
Alexandra Lucas Coelho

*O murmúrio do mundo*  
Almeida Faria

## Bibliografia

- BOLAÑO, Roberto — *Os Detectives Selvagens*, tradução de Miranda das Neves, Teorema, Lisboa, 2010.
- BOLAÑO, Roberto — *2666*, Anagrama, Barcelona, 2010.
- BOURDAIN, Anthony — *A Cook's Tour*, Bloomsbury, Londres, 2001.
- BOWDEN, Charles — *Murder City: Ciudad Juárez and the Global Economy's New Killing Fields*, Nation Books, Nova Iorque, 2010.
- BOWDEN, Charles — *Juarez: The Laboratory of Our Future, Aperture*, Nova Iorque, 2008.
- KAHLO, Frida — *El Diálogo de Frida Kablo*, La Vaca Independiente, Cidade do México, 2001.
- GONZÁLEZ HERRERA, Carlos — *La Frontera Que Vino del Norte*, Taurus, Cidade do México, 2008.
- GONZÁLEZ DE LA VARA, Martín — *Breve Historia de Ciudad Juárez y Su Región*, El Colegio de Chihuahua, Ciudad Juárez, 2009.
- LE CLÉZIO, J.M.G., *Le Rêve Mexicain ou la Pensée Interrompue*, Gallimard, Paris, 2008.
- LE CLÉZIO, J.M.G. — *Diego e Frida*, tradução de Manuel Alberto, Relógio D'Água, Lisboa 1994.
- LÓPEZ LUJÁN, Leonardo, e McEwan, Colin (ed.) — *Moctezuma: Aztec Ruler*, The British Museum Press, Londres, 2009.



